

“Fazer memória, tecer cidadania, fortalecer identidades”

Ciclo de oficinas para a formação de educadores/as

2ª Oficina: “1964: Marcas da memória, lições da história”

ROTEIRO	MATERIAIS
<p>Introdução - 15 min.</p> <p>⇒ O/a coordenador/a inicia o encontro pedindo aos participantes que relembrem a oficina anterior. Pode perguntar pelo tema, pelas atividades realizadas ou as conclusões que o grupo chegou. Para ajudar na tarefa de fazer a memória o/a coordenador/a pode trazer materiais utilizados na oficina anterior ou produções dos grupos. Recomenda-se que o/a coordenador/a faça uma síntese das avaliações da primeira oficina, destacando os aspectos mais significativos.</p> <p>⇒ O/ a coordenador/a pode também destacar a conexão entre “memória, identidade e esquecimento” (Pequena memória para um tempo sem memória) e fazer a ponte com o tema desta segunda oficina.</p> <p>Apresentação dos objetivos - 05 min.</p> <ol style="list-style-type: none">1. <i>Fazer memória das violações de direitos humanos vividas durante o período da ditadura civil-militar;</i>2. <i>Perceber a importância da memória na construção de uma cultura dos direitos humanos e da democracia como estilo de vida.</i>	<p>Cartaz com título da oficina</p> <p>Cartaz com os objetivos</p>
<p>1º MOMENTO: Sensibilização - 60 min.</p> <p>⇒ Apresentar um cartaz com a expressão “Marcas da memória” e perguntar: que memórias do período conhecido como ditadura nós temos?</p> <p>⇒ Comentar que o contexto que levou os militares ao poder, a repressão e a abertura política é amplo, e por tratar-se de um assunto extenso, obviamente existem muitos aspectos que não serão abordados aqui.</p> <p>⇒ Convidar o grupo a assistir aos vídeos abaixo assinalados, com orientação apresentada em cartões:</p> <ol style="list-style-type: none">1. <i>TV Folha especial 50 anos do Golpe Militar</i>, disponível em: www.youtube.com/watch?v=IVyybJkuyKw (duração 12,10 minutos)2. <i>Brasil, anos de Chumbo - Ditadura milita (1964-1985)</i>, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J5T9wj_IRMo (duração 10,42 min) <p>⇒ Distribuir cartões com as perguntas-orientações sobre o que se pretende explorar dos vídeos. Ler junto com os/as participantes.</p> <p><i>São muitas as marcas e as lições das lutas contra a ditadura. A partir de algumas imagens, podemos perceber como os direitos humanos eram vividos durante a ditadura militar:</i></p> <ol style="list-style-type: none">1. Que marcas daquele momento ainda persistem em nossa sociedade?2. Em termos dos direitos humanos, que temas e questões se	<p>Cartaz (tamanho A3) com a frase MARCAS DA MEMÓRIA</p> <p>Vídeos recomendados</p> <p>Cartões com as perguntas para cada participante</p> <p>10 Folhas de papel pardo (cortadas pela metade)</p>

<p>destacam? 3. Quais eram os principais atores nas lutas e processos sociais?</p>	
<p>⇒ Organizar os/as participantes em trios e pedir que respondam as questões apresentadas nos cartões (nas folhas de papel pardo).</p> <p>⇒ Em plenária, solicitar que apresentem, e comentar brevemente. Os aspectos a seguir podem ajudar ao/à coordenadora/a a aprofundar nos temas abordados pelos vídeos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A questão imediata que motivou o golpe militar foi o anúncio das Reformas de Base, pelo presidente João Goulart, em especial, as reformas agrária e urbana, que provocaram forte reação das forças conservadoras e continuam até hoje como grandes questões sem possibilidades de resolver com mais efetividade. • É importante entender o golpe num contexto histórico e cultural mais amplo relacionado à Guerra Fria, aos interesses dos EUA, à eclosão da Revolução Cubana, aos movimentos sociais e às mudanças de comportamento da década de 60, em especial, no ano de 1968. • O agravamento da concentração de renda, da desigualdade social durante a fase do chamado “milagre econômico”. • O papel da grande imprensa e da propaganda oficial para construir sentidos favoráveis ao governo. • A resistência à comissão da verdade e à recuperação da memória histórica, observadas nas falas e no silêncio de quem apoiou o golpe e as torturas. • A reinterpretção do passado histórico como uma ditadura civil-militar, destacando a participação do empresariado e de latifundiários e de setores da intelectualidade, da classe média. • A democracia como construção permanente. 	
<p>Música: “Cálice”, Chico Buarque e Milton Nascimento (disponível em: http://letras.mus.br/chico-buarque/45121/)</p> <p>2º MOMENTO: Vozes de diferentes atores sociais - 50 min.</p> <p>⇒ Lembrar que a ditadura foi um período complexo com muitas contradições – falava-se de crescimento/ “milagre” econômico e ao mesmo tempo, muitos eram vítimas e alvos de atos violentos e repressivos. Vamos nos aproximar de algumas vozes de diferentes atores sociais.</p> <p>⇒ Dividir o grupo em subgrupos de quatro ou cinco pessoas. Pode-se fazer quantos subgrupos forem necessários. Cada subgrupo trabalhará com uma das três tarefas propostas. É importante que as três tarefas sejam trabalhadas. Elas podem ser distribuídas para mais de um subgrupo, dependendo do número de participantes na oficina.</p>	<p>Letra da música e CD</p>
<p>Grupo 1: Este grupo trabalhará com trechos de “músicas de protesto à Ditadura” (Anexo 1). É importante que cada participante receba uma folha com os trechos das músicas e um cartão com a proposta a ser realizada pelo grupo.</p> <p>Tarefa para o grupo 1:</p> <p>1. <i>Com base no trecho destas canções, o que o autor queria revelar,</i></p>	<p>Cópias com trechos de “músicas de protesto à Ditadura”</p>

<p><i>denunciar, enfim chamar a atenção em relação ao que se estava vivendo no período?</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 2. <i>O que estas músicas revelam e denunciam sobre o que se vivia naquele período?</i> 3. <i>O que as letras evocam sobre os dias de hoje?</i> 4. <i>Cite até duas músicas, atuais, que evocam aspectos da realidade dos direitos humanos, despertando a nossa atenção para o que precisa ser denunciado, revelado ou afirmado no sentido de criar uma cultura de direitos humanos?</i> 5. <i>Que lições da história podem ser tiradas das marcas que vimos, descobrimos e visibilizamos, em relação com a afirmação dos direitos humanos e a construção da democracia. (Registrar 2 ou 3 ideias para apresentação em plenária).</i> 	<p>Cartões com a tarefa do grupo</p> <p>Tiras de papel pardo e pilot</p>
<p>Grupo 2: Este grupo trabalhará com trechos de depoimentos de mulheres que foram torturadas durante o período da Ditadura. (Anexo 2)</p> <p>Tarefa para o grupo 2:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>O que os fragmentos destes depoimentos apontam sobre a experiência da autora?</i> 2. <i>O que revelam e denunciam sobre o que se vivia nesse período?</i> 3. <i>O que os depoimentos evocam em relação aos dias de hoje?</i> 4. <i>Que aspectos dos direitos humanos estão assinalados nesses depoimentos que remetem a denúncia ou que precisa ser afirmado no sentido de criar uma cultura de direitos humanos?</i> 5. <i>Que lições da história podem ser tiradas das marcas que vimos, descobrimos e visibilizamos, em relação com a afirmação dos direitos humanos e a construção da democracia. (Registrar 2 ou 3 ideias para apresentação em plenária).</i> 	<p>Cópias com trechos de depoimentos de mulheres torturadas.</p> <p>Cartões com a tarefa do grupo</p> <p>Tiras de papel pardo e pilot</p>
<p>Grupo 3: Este grupo trabalhará com trechos de depoimentos de pessoas que viveram a experiência do exílio durante o período da Ditadura. (Anexo 3).</p> <p>Tarefa para o grupo 3:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>O que os fragmentos destes depoimentos apontam sobre a experiência do/a autor/a?</i> 2. <i>O que revelam e denunciam sobre o que se vivia nesse período?</i> 3. <i>O que os depoimentos evocam em relação aos dias de hoje?</i> 4. <i>Que aspectos dos direitos humanos estão assinalados nesses depoimentos que remetem a denúncia ou que precisa ser afirmado no sentido de criar uma cultura de direitos humanos?</i> 5. <i>Que lições da história podem ser tiradas das marcas que vimos, descobrimos e visibilizamos, em relação com a afirmação dos direitos humanos e a construção da democracia. (Registrar 2 ou 3 ideias para apresentação em plenária).</i> <p>⇒ Em plenária, pedir que os grupos apresentem 2 ou 3 lições da história relacionadas com a afirmação dos direitos humanos e a construção da democracia.</p> <p>⇒ Destacar as confluências e os aspectos mais significativos de cada apresentação, pontuando:</p>	<p>Cópias com trechos de depoimentos de exilados/as</p> <p>Cartões com a tarefa do grupo</p> <p>Tiras de papel pardo e pilot</p>

<ul style="list-style-type: none"> • A importância de continuar a luta pelos direitos humanos. • Os processos históricos são constitutivos de nossa vida coletiva. • É preciso ampliar a memória sobre a Ditadura. • O golpe foi uma manobra orquestrada por civis e militares, e não apenas por militares. • A construção da democracia é um processo constante. <p>Fechar este momento cantando uma música dessa época.</p> <p>Música: “O Bêbado e o equilibrista”, João Bosco e Aldir Blanco (disponível em: http://letras.mus.br/elis-regina/45679/)</p>	<p>Letra da música e CD</p>
<p>3º MOMENTO: Aprofundamento - 40 min.</p> <p>⇒ Distribuir o texto “Multiplicadores de direitos humanos: ideias-força” de Vera Maria Candau (Revista Novamerica, nº 141, 2014) e propor uma leitura coletiva. Texto disponível em:</p> <p>http://site1392986865.hospedagemdesites.ws/obsedh/wp-content/uploads/2013/10/veracandau2014.pdf</p> <p>⇒ Perguntar ao grupo: que relação podemos ver entre a proposta da autora (formação de multiplicadores em educação em direitos humanos) e as lições da história que recordamos, evocamos e discutimos nesta oficina?</p> <p>O/a coordenador/a deverá promover e facilitar o diálogo, após as respostas, fazendo uma síntese e articulando os aspectos mais significativos apontados pelos/as participantes.</p>	<p>Cópias do texto “Multiplicadores de direitos humanos: ideias-força”, de Vera Maria Candau (Revista Novamerica, nº 141, 2014) para cada participante.</p>
<p>4º MOMENTO: Avaliação – 10 min.</p> <p>⇒ Por no centro da roda o cartaz com os objetivos e pedir que os participantes avaliem se eles foram alcançados ou não, através de uma ficha de avaliação com as seguintes perguntas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Quais momentos da oficina foram mais produtivos?</i> 2. <i>Os objetivos foram alcançados?</i> 3. <i>Que compromisso eu levo desta oficina para afirmar os direitos humanos e construir a democracia no dia-a-dia?</i> 	<p>Fichas de avaliação</p>

ANEXO 1

Canções de protesto e resistência à ditadura

1- O bêbado e o equilibrista

João Bosco e Aldir Blanc

...

Meu Brasil!...

Que sonha com a volta do irmão do Henfil.

Com tanta gente que partiu num rabo de foguete

Chora a nossa Pátria, mãe gentil!

Choram Marias e Clarisses no solo do Brasil...

(...)

Dança na corda bamba
De sombrinha
E em cada passo
Dessa linha
Pode se machucar...

(...)

(Disponível em: <http://letras.mus.br/elis-regina/45679/>)

2- Cálice

Chico Buarque e Milton Nascimento

Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue...

De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

(...)

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoia
Atordoadado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

(...)

(Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-buarque/45121/>)

3 - Meu caro amigo

Chico Buarque

Meu caro amigo me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador
Mando notícias nessa fita

(...)

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol

Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

(...)

(Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-buarque/7584/>)

4 - Que as crianças cantem livres

Taiquara

(...).

Pode não ser essa mulher o que te falta
Pode não ser esse calor o que faz mal
Pode não ser essa gravata o que sufoca
Ou essa falta de dinheiro que é fatal

(...).

E que as crianças cantem livres sobre os muros
E ensinem sonho ao que não pode amar sem dor
E que o passado abra os presentes pro futuro
Que não dormiu e preparou o amanhecer...

(Disponível em: <http://letras.mus.br/taiguara/80323/>)

5 - Opinião

Zé Ketí

Podem me prender
Podem me bater
Podem, até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião
Daqui do morro
Eu não saio, não

(...).

Fale de mim quem quiser falar
Aqui eu não pago aluguel
Se eu morrer amanhã, seu doutor
Estou pertinho do céu

(Disponível em: <http://letras.mus.br/ze-keti/197278/>)

6 - Pra não dizer que não falei das flores

Geraldo Vandré

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas nas ruas campos construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção
(...).

Há soldados armados, amados ou não/
Quase todos perdidos, de armas na mão/
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição/
De morrer pela pátria e viver sem razão"

(Disponível em: <http://letras.mus.br/geraldo-vandre/46168/>)

7 - Pequena memória para um tempo sem memória

Gonzaguinha

(...).

Susana Sacavino, Vera Maria Candau, Maria da Consolação Lucinda, Silvia Pedreira, Marilena Varejão
Guersola, Viviane Amorim – Novamerica - 2014

Mas eu pergunto a resposta
ninguém sabe ninguém nunca viu
só sei quão sumido ele foi
sei é que ele sumiu

(...).

Memória de um tempo onde lutar
Por seu direito
É um defeito que mata

(Disponível em: <http://letras.mus.br/gonzaguinha/1772122/>)

ANEXO 2

Depoimentos de mulheres torturadas nos porões da ditadura militar¹

IZABEL FÁVERO, ex-militante da VAR-Palmares, era professora quando foi presa em 5 de maio de 1970, em Nova Aurora (PR). Hoje, vive no Recife (PE), onde é professora de Administração da Faculdade Santa Catarina.

“(...) Lá no DOI-Codi, todo dia eu ia para o interrogatório, e as torturas eram de todas as formas, como na cadeira do dragão, e sempre nua. E eles ameaçavam as pessoas que a gente conhecia. Um dia me chamaram e eu vi o Paulo [Stuart Wright] encapuzado. Reconheci-o pelo terno que ele estava usando, que fui eu quem tinha dado para ele, e também pela voz. Os torturadores falavam muito das presas, ridicularizavam, gritando para você ouvir. Eram coisas libidinosas, como do tamanho da vagina de uma pessoa que eu conhecia. Uma vez, eles me chamaram para um interrogatório com um homem negro que diziam ser um psicólogo. Isso foi muito tocante para mim, porque é claro que chamaram um homem negro para eu me sentir identificada. (...)”

MARIA LUIZA FLORES DA CUNHA BIERRENBACH era advogada de presos políticos quando foi presa em 8 de novembro de 1971, em São Paulo (SP). Hoje, vive na mesma cidade, onde é procuradora do Estado aposentada.

“(...) Felizmente, eu consegui. Só que eu não perco a imagem do homem. É uma cena ainda muito presente. Depois do estupro, houve uma pequena trégua, porque eu estava desfalecida. Eles tinham aplicado uma injeção de pentotal, que chamavam de ‘soro da verdade’, e eu estava muito zozna. Eles tiveram muito ódio de mim porque diziam que eu era macho de aguentar. Perguntavam quem era meu professor de ioga, porque, como eu estava aguentando muito a tortura, na cabeça deles eu devia fazer ioga. Me tratavam de ‘puta’, ‘ordinária’. Me tratavam como uma pessoa completamente desumana. Eu também os enfrentei muito. Com certa tranquilidade, eu dizia que eles eram seres anormais, que faziam parte de uma engrenagem podre. Eu me sentia fortalecida com isso, me achava com a moral mais alta.”

CECÍLIA COIMBRA, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), era estudante de Psicologia quando foi presa em 28 de agosto de 1970, no Rio de Janeiro (RJ). Hoje, vive na mesma cidade, onde foi fundadora do Grupo Tortura Nunca Mais, do qual é presidente. É também professora de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

“Cheguei na Oban e a violência começou no interrogatório, com choque elétrico. Quando eu vi o pau de arara, não reconheci o que era porque estava em choque. Vi um copo cheio de uma substância branca e achei que era açúcar, para tomar com água na hora do nervoso. Mas era sal, para pôr nas feridas. Eles faziam piadas sobre o corpo das mulheres, se era feio, jovem, velho, gozavam dos defeitos. (...) Eles

¹ Fontes: <http://www.comunistas.spruz.com/mulherestorturadas.htm> - Merlino, Tatiana Ojeda, Igor orgs: *Direito à memória e à verdade: Luta, substantivo feminino*. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2010; <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=17&sid=4> - Site **Memórias Reveladas** – Link disponível no Observatório de Educação em Direitos Humanos Em Foco

abusam, violentam, de uma maneira ou outra, humilham, tornam objeto. Eles faziam a gente se sentir uma porcaria. Também faziam uma certa gozação, como se eu tivesse me metido nisso sem saber o que era. Eles tinham muito prazer na tortura. Não me pareceu que eles faziam por obrigação. (...). Lá da minha cela, eu conseguia ver que eles tinham uma cachorrada no pátio. Eles masturbavam as cadelas, as excitavam, e elas uivavam, acho que de prazer e medo. Era brutal. Eu tinha vontade de vomitar”.

DILEA FRATE, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), era estudante de Jornalismo quando foi presa no dia 17 de outubro de 1975, em São Paulo (SP). Hoje, vive no Rio de Janeiro (RJ), onde é jornalista e escritora.

“(…). Não sabíamos onde estávamos, e as paredes eram todas úmidas. A sensação era de que a gente estava dentro de um túnel, indo cada vez mais fundo, mas não sabia onde ia parar. A gente não sabia se era dia ou noite. Enquanto isso, eles gritavam para contar logo, ‘se não, não vai sair daqui’. Ao mesmo tempo, ouviam-se os gemidos das pessoas, que não sabíamos de onde vinham. Nessas horas, o lado moral pesa mais que o físico. Por conta das torturas nas orelhas, fiquei com problemas no ouvido. Aí, me levaram para o Hospital Militar, mas lá eu não sabia se ia ser atendida direito ou não. Para me torturar, disseram: ‘Ela vai ser operada’, sendo que eu não tinha do que ser operada. Era uma forma de me agredir (...)”.

ELZA LOBO, ex-militante da Ação Popular (AP), trabalhava na Secretaria da Fazenda quando foi presa em 10 de novembro de 1969, em São Paulo (SP). Hoje, vive na mesma cidade, onde é Ouvidora da Secretaria de Estado da Saúde.

“Acordei no chão da cela com um deles me chutando. Comecei a ser arrastada pelo corredor cheio de policiais e levada escada acima. Eles eram muitos. Um deles começou a falar que era meu noivo, que ia casar comigo. De repente, os outros começaram a passar a mão em mim, no meu corpo, nos meus seios, coxas – aquele monte de homens – e começaram a cantar a marcha nupcial. Quando abriram a porta, tinham montado uma sala de tortura no quartel de Ribeirão Preto, com pau de arara, choque elétrico, e aquele monte de homens gritando, me batendo. O homem que disse que ia casar comigo rasgou a minha roupa. Me jogaram água, o bombeiro me amarrou na cadeira e começou a sessão de choque elétrico praticamente a noite inteira, e eu nua, apanhando. Eram choques nos seios, no ventre, na vagina, dentro do ouvido... Era um pesadelo. (...)Não sei nem como eu fiquei viva. (...)”

ANEXO 3

“Memórias do exílio, de muitos caminhos”²

Anina de Carvalho

Crime: “Os meus delitos são de defender presos políticos e de denunciar as torturas”.

“Não existe liberdade individual. Não existe garantia de defesa. Não existe nada.” (p. 53).

“(…). Se você chega numa nova terra e não fala a língua, tem péssimas condições materiais e não consegue se integrar intelectualmente, o que acontece?”

“(…).Infelizmente o exílio é longo, e não se pode viver de forma transitória por muito tempo. O mal é que muita gente vive transitoriamente durante anos, e não percebe que o tempo passa. Há gente em que aqui chegou à idade de estudante. O tempo foi passando e continuam na situação de estudante... Os colegas deles que ficaram no Brasil se formaram e já estão dentro do mercado de trabalho com a vida ajustada.

² Estes trechos foram extraídos do livro *Brasil 1964/1977: memórias do exílio – 1 de muitos caminhos*. Disponível em http://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/livro_memorias_1_exilio.pdf

Fico desesperada às vezes pensando em toda essa (...) geração que se exilou e que pouco a pouco foi se afastando da profissão e perdendo o contato. (...) (p. 55)

(...). É um problema muito duro. A gente vê os jovens que conseguem terminar sua situação, com o diploma na mão e não têm mercado de trabalho para absorvê-los. São aspectos negativos do exílio.” (p. 56)

José Maria Rabêlo

Crime: Diretor do jornal *Binômio*

“Que dilema atroz aquele... Sair, e ser fuzilado na rua. Não sair, e ser fuzilado em casa”. (p. 145).

“O processo de adaptação a uma nova realidade, às vezes tão diferente da nossa, e que a gente tem sofrido na carne (...) exige um esforço diário, sem descanso. É preciso desligar-se ao máximo das prevenções e tratar de viver a vida tal como ela é aonde chegou e vai ficar. Embora sem cortar-se de nosso país, embora acompanhando de perto e sentindo o que passa lá, é necessário começar a curtir a nova realidade, dentro dela, integrado nela. Ao contrário, haverá uma dupla alienação: com relação à que está longe, mas que queremos viver, e à que está perto, que temos que viver, mas não queremos. Isto tem sido a causa de verdadeiros desastres emocionais”. (p. 172)

Juliana da Rocha

Crime: Líder estudantil e luta armada contra a ditadura.

“Ficávamos como peixe fora da água, isolados, sem poder misturar-nos com a massa”. (p. 175)

“Não sabíamos o que esperar. Eu não tinha um tostão nem nenhuma roupa. Mas vim. (...)”

Durante muitos meses, lutei em busca de uma nova forma de viver. Afinal, decidi que, enquanto estiver na Europa, vou tratar de viver minha vida aqui. Vou acabar com o imediatismo de querer resolver tudo de uma vez. O exílio é um recuo, mas é preciso viver a realidade de onde se está, enquanto se estiver aí. Então, decidi estudar, aprender a língua dinamarquesa e me instrumentar com essa técnica que essa gente tem, para depois poder trabalhar. O importante agora é formar um bom relacionamento político com os dinamarqueses e deixar algo concreto para que, quando voltarmos para a América Latina, o trabalho daqui continue a dar frutos. (...)” (p. 183)

Marcio Moreira Alves

Crime: Jornalista e deputado federal de oposição à Ditadura

“Coloque os óculos durante o exílio e essa tal cara dura do Brasil tornou-se muito nítida” (p. 223)

“Evidentemente o exílio é um rompimento com a sua terra, no caso com o Brasil, com o tipo de trabalho lá desenvolvido, com uma realidade formadora de toda uma vida”. Nesse aspecto o exílio é extremamente ‘cortante’. (...)”

(...). O exílio é muito isso, como uma cadeia, um lugar onde se aprende. Mas é uma escola perigosa, porque a não inserção social caso conjugada com o aprendizado teórico e com a não aplicação do que se aprende tende a criar tribos de canibais. O não canibalismo foi uma das intenções que sempre tive durante esses anos. Não fechar-me num grupo de brasileiros que pensam apenas o Brasil, que se relaciona com o meio ambiente de uma forma parasitária, (...), que vivem sugando da sociedade onde outros companheiros estão trabalhando (...). Esse risco de descaminho é o da escola do exílio. (...)” (pp. 230-231)

Magno José Vilela

Crime: Assistência de convento dominicano a pessoas comprometidas com a luta contra a ditadura.

Susana Sacavino, Vera Maria Candau, Maria da Consolação Lucinda, Silvia Pedreira, Marilena Varejão Guersola, Viviane Amorim – Novamerica - 2014

“Para mim o exílio é isto também: esses mortos, o Tito e outros (...) que nem mesmo puderam morrer em seu país. Até sua própria morte lhes foi roubada.” (p. 185)

“De repente, tudo aquilo que você queria em seu país, como projeto, vai por água abaixo. Vida profissional, amizades, contatos, tudo é colocado entre parênteses. Como resolver esta situação? (...). O corte está aí, ele existe! Achar que o exílio vai durar dois ou três anos teria sido pura ilusão.

A reação imediata é certa perda de vontade. Você não se sente muito motivado para retomar os seus projetos anteriores, e menos ainda para elaborar novos projetos. Eu fiquei certo tempo assim, um pouco nas nuvens”. (p. 213)